



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O AMOR ROMÂNTICO E O LUGAR DA MULHER: UM REFORÇO À FAMÍLIA BURGUESA

Thainá Soares Ribeiro*
(UESB)

Tânia Rocha Andrade Cunha**
(UESB)

RESUMO:

O presente trabalho tem o escopo de analisar como o amor romântico ainda persiste no ideário feminino, assim como é reforçado pela família burguesa. Dessa forma, observa-se a existência de todo um aparato simbólico que impulsiona a sociedade a girar em torno dos valores do amor romântico, colocando de forma romantizada a mulher como dona de casa, mãe e esposa exemplar. Na modernidade, não houve uma reorganização do espaço privado da mesma forma como ocorreu no espaço público, a casa continua sendo o ambiente da mulher. Sendo assim, visando compreender melhor o tema e como foi construída a ideia do amor romântico no inconsciente feminino, o trabalho foi baseado em postulados teóricos que discutem o tema, além de um estudo conceitual dos diversos campos relacionados.

PALAVRAS-CHAVE: Amor romântico. Família burguesa. Mulher.

INTRODUÇÃO

Nas sociedades ocidentais, desde o século XVIII, o modelo de amor que predomina na esfera das relações entre homens e mulheres é do amor romântico. A literatura romântica, o cinema, as novelas e até mesmo os desenhos de príncipes

* Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Membro do Grupo de Pesquisa “Gênero e Violência” – Museu Pedagógico – UESB. E-mail: thainaues@gmail.com.

** Professora Doutora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Gênero e Violência” – Museu Pedagógico – UESB. E-mail: rochandrade@uol.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

e princesas criaram um ideal de relacionamento para as mulheres. Tudo isso serviu para perpetuar o modelo burguês de família.

De acordo com Ariès (1981), na Idade Média não existia na família um sentimento existencial profundo entre a mãe, o pai e seus filhos. As crianças a partir dos 7 anos eram mandadas para a casa de outra família para o serviço doméstico. Na modernidade, foram excluídos do ambiente privado os criados, os clientes e amigos, a família, desde então, foi composta somente por pai, mãe e filhos. A esposa, dona de casa, surge como elemento fundamental dessa organização.

Dessa forma, enquanto os homens se dedicavam ao trabalho nos espaços públicos, as mulheres exerciam cada vez mais a função de criação dos filhos e afazeres domésticos. Esse modelo ideal de família burguesa associou-se perfeitamente com a ideia do amor romântico. Segundo Giddens (1993), o surgimento do amor romântico deve ser compreendido pela ação de vários fatores que influenciaram as mulheres do século XVIII, sendo eles: a criação do lar, a relação entre pais e filhos e o que chamaram de a invenção da maternidade.

O amor, pelos moldes do romantismo, tem servido como modelo mais adequado à estrutura do casamento tradicional. As relações atribuídas ao gênero nessa instituição são definidas hierarquicamente em lugares diferentes para homens e mulheres na sociedade e na família. Para os homens, o mundo público e o trabalho remunerado para satisfazer as necessidades da família, já para as mulheres, o mundo privado do trabalho doméstico e relações afetivas com a família.

A família burguesa configura-se como uma herança do modelo familiar patriarcal, Friedrich Engels no seu livro “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” (2010), deu o panorama da família patriarcal, sendo esta estabelecida através da apropriação pelo homem, dos meios de produção,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

enquanto a mulher herdava os utensílios domésticos. Nesse modelo, a mulher e os filhos limitavam sua existência a obedecer ao homem, chefe da família.

Nas sociedades ocidentais, predominou por muito tempo, o mundo dos homens. As mulheres e crianças viviam à margem dos grandes acontecimentos, os varões eram os que dispunham de toda autoridade, a começar pela possibilidade de desfrutar de duas construções do amor. O amor romântico, exercido no seio familiar e o amor paixão, que lhe permitia aventuras com criadas e prostitutas, desde que guardada discrição, diferente das mulheres, que se destinavam apenas à procriação.

Apesar da incorporação pelo amor romântico de elementos do amor paixão, principalmente na literatura. Na prática, os seus fundamentos eram distintos para os homens e para as mulheres, por conta de todo um aparato religioso, o ardor sexual dos amantes que ocorriam nos livros, não poderia ser concebido dentro da relação do casal, como descreve Giddens (1993, p. 56):

Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado – embora seja parte da história -, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro.

O amor romântico, no início de sua construção, era mais alimentado no ideário feminino, não sendo este o fundamento das escolhas ao se casar, visto que estas eram baseadas em interesses econômicos e de alianças. Segundo Mary Del Priore (2006), o lugar do amor era na literatura. Na literatura a mulher reinava e sempre era representada como sujeito de exaltação.

Nem mesmo as conquistas feministas dos últimos tempos, foram capazes de modificar radicalmente as representações em torno da mulher e do homem. Este



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

fato é atribuído ao papel socializador da construção do amor romântico, das estruturas que normatizam a família burguesa e aos meios de produção simbólica: literatura, cinema, novelas, dentre outros, com sua definição dos modelos e papéis de gênero.

Assim, o lugar da mulher na família foi reforçado por uma série de construções teóricas e estruturais que limitaram suas escolhas, tendo, portanto, todas essas categorias influenciado na construção do machismo.

No fim do século XI, trovadores introduzem novas relações entre homens e mulheres. Surge a partir dessa época o amor romântico, herança dos árabes a Europa, exaltação mais idealizada do que prática. Apesar de ter surgido nos meados do século XI, o amor romântico veio marcar sua presença no final do século XVIII com a emergência da novela, constituindo uma nova forma de narrativa para as subjetividades.

Na Idade Média, a história de Tristão e Isolda serve para exemplificar a ideia do amor cortês, que tinha como modelo o cavaleiro que honrava uma dama e fazia dela a sua inspiração, ela era o ideal que o incentivava a ser um homem nobre, espiritualizado e refinado, sua existência limitava-se a exaltação da mulher amada. Entretanto, era um amor puramente literário.

A dama era posta em um pedestal, enquanto o homem se esforçava por ganhar seus favores. Tratava-se de uma situação nova, pois, até então, um homem que dirigisse a uma mulher casada uma canção de amor era punido com a morte. Na canção, todavia, a dama não era mais o objeto de que podia dispor à vontade, seu senhor e mestre. Era preciso merecê-la. Invertem-se os papéis. O homem vê-se menos conquistador do que conquistado. E a mulher menos presa do que recompensa. O amor, por sua vez, é tão mais ardente quanto impossível. (PRIORE, 2006, p. 70)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

No Brasil colônia, a Igreja apropriou-se das relações de dominação do patriarcado que presidiam o encontro entre os sexos e a esposa foi condenada a ser uma escrava doméstica: obediente e submissa.

O matrimônio, indissolúvel, nessa época, era estabelecido pela Igreja. Nele não poderia existir o amor-paixão, este, no qual os amantes se encontravam para satisfazer todo desejo sexual. Segundo Priore (2006), a mulher era a provedora e recebedora de um amor que não inspirasse, senão a ordem familiar. A perspectiva patriarcal adotada reprimiu as mulheres e seus sentimentos, a satisfação sexual não fazia parte da vida dessas, sendo um direito apenas dos homens. Apesar de a Igreja condenar toda atividade sexual que não tinha como fim a procriação, no caso dos homens existiam exceções, por causa do poder exercido por estes na sociedade.

Para a maioria das mulheres, a sexualidade era e, ainda é para muitas, um mistério pecaminoso. Os códigos e condutas que regiam a sexualidade baseados no Direito Canônico fixaram no ideário feminino, a linha divisória entre o permitido e o proibido. A relação sexual encontrava-se centrada nas relações matrimoniais, romper essa lógica do casamento e procurar prazeres estranhos, era para as mulheres viver sob a égide da condenação, o adultério por parte da esposa era imperdoável, já por parte dos maridos era encarado com uma fraqueza lamentável, mas compreensível.

O amor, portanto, no Brasil Colônia era o amor domesticado da esposa pelo marido. Para os homens, de modo geral, as relações se resumiam a um antigo ditado popular: “branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar”.

A ideia de romance, no sentido literário, assumiu no século XIX seu apogeu, as histórias românticas invadiram as livrarias do século XIX. No Brasil, José de Alencar e Manuel de Macedo introduziram na literatura a ideia do amor romântico. No entanto, como dito anteriormente, existe uma grande diferença da literatura



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

para a vida real. O amor romântico com toda sua expressão sublime restringia-se ao papel.

O romance foi um gênero de caráter sonhador e fantasioso, nele a construção do amor se projeta no sentido do outro. Isso tem reflexo na construção da identidade feminina, que busca no homem amado o sentido de sua vida.

O amor romântico, hoje, apresenta-se como reunião de vários elementos dos tipos de amor construídos ao decorrer dos tempos, ele corrobora com os ideais e valores de cada época. Ele é amor tragédia, domesticado, cortês e cristão. No entanto, sendo a família burguesa a hegemônica na sociedade, a característica mais presente do amor, hoje, para a vida das mulheres é a domesticidade, no sentido da doação que esta assume frente ao lar.

Apesar dos novos arranjos familiares da modernidade, a imagem do modelo de casal que se estrutura na atualidade é formada pela ideologia romântica do amor eterno, verdadeiro e único. A ideia dos felizes para sempre, gera uma série de implicações para a vida das mulheres, visto que esse modelo de casamento tem o homem como provedor de tudo, com o controle da vida das mulheres, sendo o sacrifício e a renúncia as virtudes associadas às mulheres, no casamento.

O fato de o movimento feminista ter lutado pela emancipação e autonomia da vida das mulheres, não determinou sua libertação das ilusões do amor romântico, já que não ocorreu uma mudança estrutural na família. O amor romântico caracterizado hoje, pela exaltação da pessoa amada e a projeção desta como um ser perfeito, gera na vida das mulheres diversas frustrações.

A temática das relações familiares emerge na atualidade como um problema social que gera inúmeras discussões, principalmente porque se trata de um fenômeno que ocorre no ambiente privado, no qual a realidade ainda se encontra camuflada.

A família burguesa, formada a partir do capitalismo, encontra-se localizada nos espaços urbanos, ela constitui a célula base deste modelo de sociedade. No



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Brasil, os arranjos familiares são, ainda, organizados nos moldes patriarcais. A casa grande mantém seus reflexos até os dias atuais, o que houve na verdade foi uma diminuição dos seus integrantes e estreitamento dos laços amorosos entre mãe e filhos. A família burguesa é, portanto, uma nova reorganização da família patriarcal. Segundo Mary Del Priore (org. 2006), a vida burguesa reorganiza as vivências domésticas. Um sólido ambiente familiar, lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido e sua companheira na vida social são considerados um verdadeiro tesouro.

Com o desenvolvimento das cidades, caracterizada pela urbanização, pela necessidade de mão de obra barata e pela luta dos movimentos feministas por direitos, a mulher redefiniu sua posição no espaço público. Assistiu-se, a um movimento de transformação do trabalho no espaço público com a incorporação das mesmas. Contudo, não houve uma mudança na divisão do trabalho no espaço privado. Este permanece sob a autoridade do marido, tendo a esposa o dever de mantê-lo organizado. Percebe-se, com isso, que não houve mudanças estruturais na organização desse espaço.

O casamento por escolha tornou-se uma prática moderna na vida das mulheres, visto que muitas destas obtiveram independência financeira, não tendo mais que depender materialmente dos pais e maridos. Dessa forma, muda-se o motivo inicial do casamento, visto que este deixa de um ser um interesse puramente familiar de transmissão de patrimônio para ser uma escolha pessoal da mulher. No entanto, essa mudança não estabeleceu uma reestruturação dos papéis de gênero dentro do espaço privado, uma vez que a mulher continua exercendo o papel da dona de casa neste espaço após o casamento.

A cultura burguesa adotou o amor romântico, como princípio básico. Para as mulheres, ainda hoje, o casamento é como um filme de Hollywood, no qual os ideais de complementaridade entre os sexos acontecem. Segundo Taube (1992), as expectativas do casamento ideal, da felicidade, de permanência e de estabilidade



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

estão presentes na maior parte dos casamentos que são realizados na atualidade, mesmo com todas as mudanças dos costumes e perspectivas sociais e sexuais, já que não são as mesmas de tempos atrás.

A livre escolha para se casar, assim como a possível dissolução do casamento, através do divórcio, de modo geral, não marcaram uma transição do modelo familiar. Sendo assim, as fantasias e expectativas em relação ao casamento não mudaram totalmente. Hoje, o casamento virou um grande evento para a confirmação dos ideais femininos, as mulheres querem usar toda fantasia dos contos de fadas, para mostrar para a sociedade como se constitui uma família feliz, existindo para isso, uma indústria especializada em promover tais cerimônias.

A relação do casamento com a manifestação da sexualidade, também é uma conquista recente. No entanto, na relação conjugal, essa sexualidade não é exercida com todo ardor sexual dos amantes, e isso se torna mais evidente, após a gravidez. A partir dessa etapa, surge a figura da mãe angelical, responsável por todo o cuidado com os filhos. Para Giddens (1993), a idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade, e sem dúvida alimentou diretamente alguns dos valores propagados sobre o amor romântico, sendo este essencialmente feminino.

Além disso, apesar de toda liberdade sexual proclamada por grupos na modernidade, a heteronormatividade, ainda é o sistema vigente, prova disso é a dificuldade dos casais homoafetivos de legalizarem o seu casamento, assim como o bloqueio existente para adoção de crianças, por parte desses casais. Isso tudo acontece, pelo modelo de família predominante na sociedade, no qual o padrão burguês se insere, afirmando preconceitos contra outros tipos de arranjos familiares.

Desta maneira, a relação heterossexual baseada na família burguesa e no amor romântico, ocupa a função de norma frente às outras práticas familiares. Sabe-se que isto não é uma questão de normalidade, mas sim da construção do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ideal de família ao longo dos tempos, colaborando assim, com exclusões de grupos não hegemônicos.

CONCLUSÕES

A partir da vasta leitura sobre o tema, percebe-se que com o movimento feminista, a revolução sexual e a contracultura na década de 1960, surgiram novos arranjos familiares. Mas, em contrapartida, a maioria das mulheres, ainda, sonha com rituais tradicionais e com ideais românticos de casamento.

O amor romântico, nos dias atuais, persiste no ideário feminino como exaltação do casamento perfeito. A família, por ser a primeira instituição da sociedade, significa para as mulheres o núcleo básico de afetividade e segurança. Subtende-se encontrar no marido todo apoio que se espera para uma vida conjugal. Cria-se, portanto, um ideal, que muitas vezes não condiz com a realidade.

Observa-se, portanto, que o amor romântico corrobora com os ideais e valores de cada época, reforçando na modernidade um imperativo de ordem e segurança para a vida das mulheres através do modelo burguês de família. Assim, apesar da família burguesa não ser a única existente, é a predominante. As representações em torno da mulher e do homem reforçam esse modelo familiar com todo seu aparato simbólico: literatura, cinema, novelas e etc., definindo os modelos e papéis de gênero.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2º ed. Rio De Janeiro: LTC, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 2º. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CUNHA, Tânia Rocha A. **O Preço do Silêncio: mulheres ricas também sofrem violência**. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2007.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 1º, Ed. São Paulo-2010: expressão popular
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: A vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**; tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 2º. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PRIORE, Mary Del (org.). **Histórias das Mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi (coord. De textos). 8. Ed. São Paulo; Contexto, 2006.
- TAUBE, Maria José de Mattos. Alianças partidas ou a dor da separação conjugal nas camadas populares. In: PORCHAT, I. **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.